

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu

NOVELAS: SONHAR PARA NÃO PARTICIPAR E NÃO ASSUMIR

No Brasil, as novelas representam o principal programa na televisão. Elas localizam-se, monarquicamente, nos chamados horários nobres. Engolem milhões de olhares, espalhados pelos pontos mais variados da geografia nacional. Certas fórmulas comprovadas de sucesso repetem-se continuamente. Enfim, situações já vistas em novelas anteriores têm agora novas personagens.

Uma novela, que necessita de público fiel diariamente, utiliza tais recursos de suspense como arma principal para manter a audiência cativa. Afinal, todos querem saber a solução para situações apresentadas e os capítulos são estruturados em função disso, deixando sempre problemas suspensos no final, para serem resolvidos no dia seguinte. Ninguém pretende desmerecer a capacidade técnica e cênica dos folhetins eletrônicos, mas não se pode, e muito menos se deve, usá-los como viseiras de legitimação. É necessário ir mais longe, mergulhar, com maior profundidade, nas relações sociais.

O carrão zero, com seu conforto, é a negação dos ônibus e trens lotados como latas de sardinha. Não passa de uma grande cena de ideologia, no sentido de falsificação com o objetivo de manter o que está aí. Os roteiros vão mais além. Trazem, para o vídeo, a intensa exploração do merchandising, isto é, a publicidade indireta, que aparece em meio a cenas dos capítulos. Assim, não se deve estranhar o destaque dado a determinados produtos comerciais. Para o anunciante, é muito mais barato e eficaz colocar seus produtos como parte da estória, relacionando-os com os personagens, pois muitas pessoas distraem-se nos intervalos, o que não ocorre no decorrer do capítulo.

O merchandising estimula os telespectadores a consumirem irracionalmente qualquer pro-

duto. Tudo em nome de preservar o modo de produção capitalista. Saindo de suas mãos a construção de transistores, satélites, aparelhos etc., os trabalhadores se transformam em vítimas de suas próprias criaturas, apropriadas pelo capital. Não bastam a dominação e exploração dentro das fábricas.

Embutidos nas novelas, há valores e toda uma visão de mundo opostos ao projeto do Reino. Para conseguir o que querem, os personagens passam por cima de tudo e de todos. É a ambição, desejo de poder, de dinheiro e prestígio que dirigem as relações sociais. A família é caracterizada pela desunião, infidelidade, desconfiança e superficialidade. A incapacidade de as pessoas se relacionarem francamente e de cultivarem sentimentos edificantes, como o amor puro e simples.

A questão do dinheiro "todo-poderoso", capaz de, conforme a manipulação, interferir na vida das pessoas, ditando até mesmo normas dentro de um determinado grupo social. A falta de escrúpulos para se atingir um objetivo. A pobreza de espírito de pessoas que julgam serem os bens materiais o objetivo último da vida. A luta pelo poder parece não considerar o Juízo Final (Mt 25) e a crença do que o que aqui se faz aqui se paga parece ser do domínio dos homens. A questão da garra e da luta para garantir a sobrevivência dos menos favorecidos, o combater as injustiças sociais através da organização e conscientização do povo são ignorados ou abordados de maneira superficial e encobrem as causas estruturais mais profundas. Evita-se qualquer questionamento mais profundo do sistema econômico. Os grupos dominantes, com sua ideologia, elaboram uma outra "realidade", a das novelas, para reproduzir, no dia seguinte, as relações sociais.

IMAGEM DE OLHOS VERDES

1. Dona Maria do Socorro chega aos setenta e seis anos de vida pobre e sofrida. Só Deus sabe como. Só com a graça de Deus. Nasceu numa fazenda, filha de gente rica, mas já no fim de tudo. Quer dizer: meu Pai se meteu em negócios da bolsa. Eu ouvia dizer que ganhava muito, mas a fome de ganhar mais levou-nos à ruína. Quando ele morreu, minha Mãe teve de aguentar as consequências dos maus negócios de Papai. E perdemos tudo, as três fazendas, a nossa casa da cidade, tudo, tudo. Minha Mãe morreu de desgosto.

2. Ficamos eu e meu irmão que morreu aos dez anos. Fiquei sozinha. Antes tivesse morrido. Fui pra casa de uma tia. Passei com ela uns anos. Até aprendi francês e piano. Depois um tio me aceitou, era um tio bom. Mas meu primo não valia nada. Me enganou. Não tive filho, não, eu não posso ter filho. Abusou de mim quanto pôde, depois me enxotou de casa. Aí entrei na vida. Que sofrimento. Meus olhos verdes foram minha desgraça. Pouco duravam as paixões. Esgotavam-me, depois corriam-me de casa. Até que deixei a vida...

3. ... quer dizer: a vida me deixou, entregue à própria sorte. Se não fosse Deus e esta medalhinha de N. Senhora da Conceição e S. José! Não sei se sou católica. Só sei que tenho muita confiança nesta medalha. O que eu peço eles me dão. Quer dizer: quando peço direito. Olha-me com os olhos verdes. Beija a medalhinha. Foi da Primeira Comunhão. Perdi tudo, só não perdi esta medalhinha e a confiança em Deus. Olha-me novamente com os olhos verdes profundos que, descubro, ainda são os olhos verdes da Primeira Comunhão. (A.H.)

LINHAS PASTORAIS

AS CEBs E A FRACÃO DO PÃO

Entre os elementos constitutivos da comunidade cristã Lucas enumera a "fração do pão", o "partir do pão". O pai de família partia o pão, abençoava-o e distribuía à família.

A expressão "partir o pão, fração do pão" é adotada pela comunidade cristã para significar duas coisas: o pão que o pai de família distribuía e a Eucaristia, "o pão que desceu do céu para a vida do mundo" (cf. 6,33,51).

Como Eucaristia, a fração do pão era uma das mais importantes fontes da vida de fé, esperança e amor na comunidade. Já então valia da Eucaristia o que ensina hoje o Vaticano II: "centro e cume" da pregação e da celebração dos Sacramentos (cf. Ad Gentes 9), "fonte e cume" de toda evangelização (cf. Presbyterorum Ordinis 5).

Da palavra de Deus e dos Sacramentos, de modo especial da Eucaristia vive a Igreja, vive por isto mesmo a comunidade eclesial de base.

Quem imagina a CEB sem padre e por isto mesmo sem a Eucaristia, corta da comu-

nidade sua fonte de vida número um. Quem imagina a CEB sem a Eucaristia coloca a CEB em posição contrária à Igreja e também à utopia da verdadeira comunidade cristã-católica, como se realizou na Igreja primitiva. Não basta à CEB a celebração da Palavra de Deus, como regra, mesmo que seja distribuída a Comunhão. Se assim acontece em muitos lugares, isto é devido à falta crônica de padres, não pode ser proposto como modelo.

Com a falta de padres cria-se um impasse essencial para a CEB. Este impasse leva a CEB a distanciar-se da Eucaristia como celebração do Corpo e do Sangue do Senhor, como ponto alto da vida da Igreja. Pode facilmente transformar-se numa comunidade protestante, à qual basta essencialmente a Palavra de Deus. A distribuição da Comunhão em si mesma não substitui a celebração eucarística.

A solução para o impasse virá um dia, quando, removidos todos os obstáculos até agora existentes, a Igreja torne possível a ordenação de homens casados, pertencentes à

comunidade, para poderem, como ministros qualificados, celebrar a Eucaristia. Com a crescente falta de padres que atingiu também países tradicionalmente ricos de vocações como a Itália, a Alemanha a Espanha, a Áustria etc., a Igreja que sempre tem procurado a "salvação do Povo" introduzirá um segundo tipo de padres, para as regiões que sofrem da falta de sacerdotes cronicamente. Como por exemplo o Brasil e em geral as nações da América Latina.

As CEBs são a expressão mais coerente e clara da comunidade eclesial, da paróquia. A paróquia em seu verdadeiro sentido deveria ser sempre uma comunidade eclesial de base, como aconteceu na Igreja primitiva e deveria ser ainda hoje.

Mas hoje não é assim. As paróquias gigantescas com mais de vinte e trinta mil habitantes não permitem relacionamento primário. O conhecimento entre os membros da paróquia é rarefeito e mesmo impossível. As CEBs querem ser uma desmassificação da paróquia-gigante e a proposta de uma solução para as comunidades enormes. (A.H.)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote; Sl = Salmista; * = indica que se pode usar outro texto.
Cânticos: Missa CREIO NA VIDA, Ir. Míria Kolling, Ed. Paulinas e outros.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA

1. "Vou lhes preparar no céu um bom lugar: na casa paterna tenho muitas moradas. Creiam, pois, em Mim: eu vim para salvar e ao céu levar quem aqui aprendeu a amar". Nós cremos, sim, em ti, Jesus! Serás, enfim, a nossa luz!

2. "Sim, eu voltarei e então recolherei o amor, a acolhida que me deram em vida. Onde eu estiver, comigo quero ter o que meu Pai me entregou e por mim amou".

3. "Mas seria em vão o céu imaginar, pois nada do mundo é assim tão profundo... Quando ele chegar e tudo renovar, vocês então gozarão da total visão".

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

P. Amém!

S. A graça de Deus, nosso Pai, o amor de nosso Senhor Jesus Cristo e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.

P. Bendito seja Deus / que nos reuniu no amor de Cristo!

3 SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

C. A celebração de hoje quer nos acordar para a situação em que vivemos. A primeira leitura nos diz que "os defeitos de um homem aparecem no seu falar". Aí percebemos que nos deixamos enganar pelas palavras proferidas pelos homens. Hoje Jesus Cristo afirma: queremos tirar as traves dos olhos dos outros, mas mantemos as traves dos nossos. Se tivéssemos tirado as traves dos nossos olhos, não teríamos cometido os mesmos erros de antes. Muitos irmãos nossos abriram os olhos e mudaram. E nós, o que fizemos? Cultivamos a árvore, mas os frutos que esperávamos, na forma de justiça, trabalho, moradia e alimento para todos, não vieram. E o povo cansado, desiludido, já não tem forças de lutar.

4 ATO PENITENCIAL

S. Irmãos, peçamos perdão a Deus pelas vezes em que preferimos ignorar sua Palavra, para ouvir a dos homens. Por isso, confessemos os nossos pecados, para celebrarmos dignamente estes santos mistérios:

P. Confesso a Deus todo-poderoso / e a vós irmãos / que pequei muitas vezes / por pensamentos e palavras, atos e omissões. / Por minha culpa, minha tão grande culpa. / E peço à Virgem Maria, / aos anjos e santos / e a vós, irmãos, / que rogueis por mim a Deus nosso Senhor.

S. Senhor, que tendes palavras de vida eterna, tende piedade de nós, perdoai os nossos pecados e conduzi-nos à vida eterna.

P. Amém!

S. Senhor, tende piedade de nós.

S. Cristo, tende piedade de nós.

S. Senhor, tende piedade de nós.

5 GLÓRIA

S. Glória a Deus nas alturas...

P. E paz na terra aos homens por ele amados. / Senhor Deus, rei dos céus, Deus Pai todo-poderoso: / nós vos louvamos, / nós vos bendizemos / nós vos adoramos, / nós vos glorificamos / nós vos damos graças por vossa imensa glória. / Senhor Jesus Cristo, Filho Unigênito, / Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai. / Vós que tirais o pecado do mundo, / tende piedade de nós. Vós que tirais o pecado do mundo, / acolhei a nossa súplica. / Vós, que estais à direita do Pai, / tende piedade de nós. / Só vós sois o Santo, / só vós o Senhor, / só vós, o Altíssimo Jesus Cristo, / com o Espírito Santo, na glória de Deus Pai. Amém.

6 COLETA

S. Oremos: Fazei, ó Deus, que os acontecimentos deste mundo decorram na paz que desejais, e vossa Igreja vos possa servir alegre e tranquila. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém!

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA



C. Não elogies nem julgues ninguém, antes de ouvi-lo falar, pois, pelas palavras, se conhece o coração do homem.

Leitura do Livro do Eclesiástico (27,4-7): "Quando a gente sacode a peneira, ficam nela os refugos; assim, os defeitos de um homem aparecem no seu falar. Como o forno prova os vasos do oleiro, assim o homem é provado em sua conversa. O fruto revela como foi cultivada a árvore; assim, a palavra mostra o coração do homem. Não elogies a ninguém, antes de ouvi-lo falar, pois é no falar que o homem se revela". — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

8 CANTO DE MEDITAÇÃO (Sl 91)

A palavra de Deus é a verdade, sua lei libertade!

Sl. 1. Como é bom agradecermos ao Senhor / e cantar salmos de louvor ao Deus

altíssimo! / Anunciar pela manhã vossa bondade / e o vosso amor fiel a noite inteira. 2. O homem justo crescerá como a palmeira, / florirá igual ao cedro que há no Líbano; / na casa do Senhor estão plantados, / nos átrios de meu Deus florescerão.

3. Mesmo ao tempo da velhice darão frutos / cheios de seiva e de folhas verdejantes; / e dirão: "É justo mesmo o Senhor Deus o meu Rochedo, / nele não existe nem um mal!"

9 SEGUNDA LEITURA

C. O corpo do homem passa, morre, para que se cumpra o que está escrito. Mas, pela graça de Deus, a vitória nos vem através de Jesus Cristo.

Leitura da 1ª Carta de São Paulo Apóstolo aos Coríntios (15,54-58): "Irmãos: este nosso corpo que passa vai se vestir do que não passa. Este nosso corpo mortal vai se vestir do que é imortal. Então se cumprirá o que está escrito: "A morte foi tragada pela vitória. Ó morte, onde está a tua vitória? Ó morte, onde está teu ferrão?" E o ferrão da morte é o pecado, e a força do pecado vem da Lei. Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo! Assim, irmãos muito queridos, continuem firmes e não se deixem abalar, sabendo que seus cansaços como cristãos não são inúteis; progredindo sempre na obra do Senhor e sabendo que o trabalho de vocês não é inútil no Senhor. — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

10 CANTO DE ACLAMAÇÃO



1. "Sou a Vida e a Verdade! Quem crê em Mim, ressuscitará... E feliz na eternidade, para sempre viverá.

P. Aleluia! Aleluia! Louvor e glória a ti, Senhor!

2. Creio em Ti, Senhor da Vida! És minha Luz e Salvação. Porque a morte foi vencida, estes meus olhos te verão!

11 EVANGELHO

C. Pelas palavras e ações, o homem mostra o que lhe vai no íntimo. Pois a boca fala daquilo de que o coração está cheio.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas (6,39-45).

P. Glória a vós, Senhor!

S. "Naquele tempo, Jesus contou uma parábola aos discípulos: "Pode um cego guiar outro cego? Não cairão os dois no buraco? Um discípulo não é

maior do que o mestre; todo discípulo bem formado será como o mestre. Por que você olha o cisco no olho do seu irmão e nem percebe a trave que há no seu? Como pode dizer a seu irmão: irmão, deixe-me tirar o cisco do teu olho, quando você nem vê a trave no seu próprio olho? Hipócrita! Primeiro tire a trave do seu olho e então poderá ver bem, para tirar o cisco do olho do seu irmão. Não existe árvore boa que dê frutos ruins, nem árvore ruim que dê bons frutos; porque toda árvore é reconhecida pelos frutos. Não se colhem figos de espinheiros, nem se apanham uvas de plantas espinhosas. O homem bom tira coisas boas do bom tesouro do seu coração, mas o homem mal tira coisas más do seu mal, porque a boca fala daquilo que o coração está cheio". — Palavra da Salvação. — P. Louvor a vós, ó Cristo!

12 PREGAÇÃO — PARTILHA

13 PROFISSÃO DE FÉ

S. Creio em Deus Pai todo-poderoso.
P. Criador do céu e da terra; / e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor; / que foi concebido pelo poder do Espírito Santo; / nasceu da Virgem Maria, / padeceu sob Pôncio Pilatos / foi crucificado, morto e sepultado / desceu à mansão dos mortos / ressuscitou ao terceiro dia / subiu aos céus, / está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso / donde há de vir a julgar os vivos e os mortos / creio no Espírito Santo / na santa Igreja católica / na comunhão dos santos / na remissão dos pecados / na ressurreição da carne / na vida eterna. Amém.

14 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Rezemos a Deus, que nos deu em Cristo um mestre e um modelo para nossa vida moral:

P. Senhor, escutai a nossa prece!

1. Pela nossa Igreja, para que anuncie com fidelidade, coerência e plenamente a mensagem moral de Jesus, rezemos ao Senhor.

2. Pelos que têm o dever de julgar, para que o desempenhem com honestidade, vencendo preconceitos e paixões, sem jamais julgar as intenções da consciência dos outros e sem querer medir a culpabilidade, rezemos ao Senhor.

3. Pelos que têm a responsabilidade profissional de divulgar as notícias e acontecimentos através dos Meios de Comunicação Social, para que não os utilizem a fim de reforçar o poder dominante que massacra a maioria dos brasileiros, rezemos ao Senhor.

4. Por nós mesmos, para que, em nosso esforço de sermos sinceros, saibamos confiar-nos a Cristo, vencedor de todo pecado, rezemos ao Senhor:

(Outras intenções espontâneas da comunidade...)

S. Senhor, que vossa palavra de verdade seja luz para nossas consciências e força para nossa vontade, a fim de que possamos realizar na vida aquilo que nos pedis. Por Cristo, nosso Senhor, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DAS OFERTAS

 Pão e vinho, ó Pai, poremos nesta mesa uma vez mais. É um pouco do que temos pelo muito que nos dais.

1. Vós nos dais Jesus, o Cristo. Mas o Cristo o que nos faz? vem morrer crucificado, para vir ressuscitado e nos dar a sua Paz.

2. Vós nos dais o vosso Filho, para ser o nosso Irmão. E pra termos, de verdade, só amor, fraternidade, Ele nos deu o seu perdão.

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS

 S. O Deus, que nos dais o que vos oferecemos e aceitais nossa oferta como gesto de amor, fazei que os vossos dons, nossa única riqueza, frutifiquem para nós em prêmio eterno. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

17 ORAÇÃO EUCARÍSTICA

 (A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração):

S. Eis o Mistério da Fé:

P. Salvador do mundo, salvai-nos! Vós que nos libertastes pela Cruz e ressurreição!

18 CANTO DA COMUNHÃO

 1. Eu quis comer esta ceia agora / pois vou morrer, já chegou minha hora.

Comei, tomai, é meu corpo e meu sangue que dou, vivei no amor. Eu vou preparar a ceia na casa do Pai!

2. Comei o Pão: é meu Corpo imolado / por vós, perdão para todo pecado.

3. E vai nascer do meu Sangue a esperança / o amor, a paz, uma nova Aliança.

4. Vou partir: deixo o meu testamento: / Vivei no amor: eis o meu mandamento.

5. Irei ao Pai: sinto a vossa tristeza. / Porém, no céu, vos preparo outra mesa.

6. De Deus virá o Espírito Santo / que vou mandar pra enxugar vosso pranto.

19 AÇÃO DE GRAÇAS

 S. Oremos: Tendo recebido o Pão que nos salva, nós vos pedimos, ó Deus, que este sacramento, alimentando-nos na terra, nos faça participar da vida eterna. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

RITO FINAL

* 20 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade):

C. Contando com a força do Espírito Santo e a proteção da Virgem Maria, nos esforçemos para sermos verdadeiros anunciantes da Palavra de Deus, sendo mais solidários nos sofrimentos e alegrias dos irmãos, espalhando os verdadeiros valores que libertam e assu-mindo a construção do Reino de Deus.

21 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Abençoe-vos o Deus todo-poderoso: Pai, Filho e Espírito Santo.

P. Amém!

S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe.

P. Amém!

22 CANTO DE SAÍDA

Maria, ó mãe cheia de graça! Maria, protege os filhos teus! Maria, Maria, nós queremos contigo estar nos céus!

1. Aqui servimos a Igreja do teu Filho, sob o teu Imaculado Coração. Dá-nos a bênção e nós faremos de nossa vida uma constante oblação.

2. Ah! Quem me dera poder estar agora, festejando lá no céu nosso Senhor! Mas sei que chega a minha hora, e então, feliz, eu cantarei o seu louvor.

3. A nossa vida é feita de esperança: paz e flores nós queremos semear. Felicidade so-mente alcança quem cada dia se dispõe a caminhar.

LEITURAS PARA A SEMANA:

2^o-feira: Eclo 17,24-32; Sl 32; Mc 10,17-27. /

3^o-feira: Eclo 35,1-12; Sl 50; Mc 10,28-31. /

4^o-feira: (Visitação) Sf 3,14-18a; Ct 2,8.10-14;

Lc 1,39-56. / 5^o-feira: Eclo 42,15-25; Sl 33;

Mc 10,46-52. / 6^o-feira: (S. Coração de Jesus) Ez 34,11-16; Sl 33; Rm 5,5-11; Lc

15,3-7. / Sábado: Eclo 51,12-20; Sl 19; Mc

11,27-33. / Domingo: 1Rs 8,41-43; Sl 117; Gl 1,1-2.6-10; Lc 7,1-10.

RELIGIÃO, MEIO MELHOR DE DOMINAÇÃO

É preciso também lembrar: se a religião cristã era ensinada aos negros de modo favorável aos brancos colonizadores, podia acabar servindo também à luta dos escravos pela liberdade. O fato é que a cristianização dos africanos no Brasil, fazendo com que eles esquecessem suas religiões africanas, podia contribuir para fazê-los também esquecer as diferenças e inimizades entre as diferentes nações de sua terra, e a começarem a unir-se, para se libertar do cativeiro. Nesse caso, a religião católica, que era igual para todos, fossem eles de Angola ou da Guiné, Congo ou Minas, podia ser mais um traço de união, junto à situação comum de cativeiro.

"Se alguém diz: 'Eu amo a Deus', e odeia o seu irmão, é mentiroso. Porque ninguém pode amar a Deus a quem não vê, se não ama o seu irmão a quem vê" (1Jo 4,20). As relações entre escravos e senhores foram sempre de luta, durante todo o tempo da colônia e também mais tarde, no império. Os senhores só podiam manter a escravidão, usando a força e a perseguição constante. Temiam uma revolta dos escravos e estavam sempre vigilantes, por meio de seus capangas e feitores, procurando novas maneiras de dominar.

VIVER EM CRISTO

O TEMPO COMUM

O tempo decorrido nas 34 semanas fora dos ciclos de Natal e da Páscoa é chamado *Tempo comum*. Os domingos são domingos do *Tempo comum* ou Durante o ano. Esses domingos recebem sua força ou sua espiritualidade de duas fontes: dos tempos fortes e dos próprios domingos. Assim, o *Tempo comum* é vivido como prolongamento do respectivo tempo forte. A primeira parte após a Epifania e o Batismo do Senhor. Constitui, então, um tempo de crescimento. Daí a cor verde. A vida nasceu no Natal; ela manifesta-se na Epifania, mas para que possa manifestar-se em plenitude e produzir fruto, necessita da ação do Espírito Santo. Vemo-lo agir no Batismo do Senhor. Assim, é levado pelo Espírito que Jesus começa a exercer o seu poder messiânico. Do mesmo modo na Igreja. Fecundada pelo Espírito ela produz frutos de boas obras.

JESUS NÃO PEDE PASSAGEM AOS DETENTORES

Jesus executou seu programa à risca: fez-se amigo dos pobres e do povo simples, oprimido pelas estruturas do latifúndio e desprezado pelos líderes do povo (cf. Jo 7,49); tornou-se amigo dos publicanos, pecadores e prostitutas, presos e oprimidos pelos laços do pecado. Estes, por causa da bondade de Jesus, descobriram em si mesmos um valor e um lampejo de desesperança renovada e uma possibilidade de libertação.

Jesus falou duro aos detentores do poder que, talvez sem querer, mantinham estas estruturas de opressão; falou duro aos ricos, que empobreciam cada vez mais o povo simples. Jesus trouxe a libertação do mal e do pecado, mas do pecado concretizado em todas as formas possíveis de opressão. Libertou Nicodemos do cárcere em que o mantinha preso seu próprio pensamento (cf. Jo 3,1-15).

Libertou João Batista da crise provocada pelos esquemas estreitos da tradição judaica (cf. Mt 11,2-6). Libertou o povo da Tome, das doenças, da ignorância, do sofrimento e da morte. Libertou a todos pelo seu amor criador, que valoriza o homem e lhe infunde nova coragem de viver e nova consciência do seu próprio valor e responsabilidade.

Os escravos, por seu lado, não aceitavam a opressão e lutavam para se libertar. É certo que os cativeiros, vivendo isolados, fechados nos engenhos e nas senzalas, sem nenhuma informação sobre o que acontecia fora, e mandados na ignorância, não podiam ter uma idéia do conjunto da sociedade colonial, nem podiam se organizar, com o projeto de modificar a sociedade, para acabar de vez com o cativeiro.

Mas nem por isso os cativeiros se sujeitavam, e buscavam a liberdade por meio de fuga, individual ou em grupos. Não é verdade, como vemos, que a história do Brasil tenha sido de paz e cordialidade. Os senhores só se mostravam bondosos para com os escravos que se sujeitassem e se humilhassem. Os demais eram tratados com grande crueldade. O principal meio utilizado para dominar os negros era a violência direta: o pelourinho, as chicotadas, a prisão, as torturas de todo o tipo, as grilhetas de ferro nos pés e nas mãos, no pescoço, e o tronco de madeira, onde os negros eram presos pelos pés e as mãos juntas. Qualquer indisciplina dos escravos era punida com crueldade, mas os piores castigos eram para os escravos que tentavam fugir. Era difícil o sucesso na fuga, pois os "capitães do mato" tinham cavalos e armas

Valéria Rezende

e quase sempre conseguiam capturar o fugitivo, que era barbaramente castigado, diante de todos os seus companheiros, para servir como exemplo e ameaça aos outros.

Diante disso, a atividade da Igreja era quase sempre favorável ao senhor de escravos fugitivos. Os padres julgavam os escravos fugitivos como pecadores. A Igreja também não condenava os castigos que eram dados aos escravos. Aceitava o castigo, julgava mesmo necessário, para corrigir moralmente os escravos "pecadores". Apenas, muitas vezes, a Igreja protestou contra os abusos de crueldade de muitos senhores, ao castigar seus escravos. A Igreja, que não tinha esquecido inteiramente o Evangelho de Jesus, recomendava que os senhores fossem bondosos e tratassesem seus escravos o melhor possível. Mas na realidade, essas recomendações de nada serviam. Já vimos como se procurava fazer também da religião um meio de dominar. Outro meio utilizado pelos senhores para impedir a luta dos escravos pela liberdade era provocar divisões e inimizades entre os cativeiros. Conseguiam isso, concedendo benefícios a alguns e negando a outros. Os escravos beneficiados pelo senhor se tornavam báculadores e espiavam os outros, para denunciar os que pensavam em fugir.

Frei Alberto Beckhäuser, OFM

Algo de semelhante temos no *Tempo comum*, que recomeça em geral em torno do 9º Domingo. A vida renasce na Páscoa e, fecundada pelo Espírito de Pentecostes, desenvolve-se através do *Tempo comum*. A Igreja vive o espírito do mistério pascal através dos domingos durante o ano. Faz amadurecer frutos de boas obras, preparando assim a vinda do Senhor.

Mas não devemos pensar somente nesta dinâmica dependente dos Tempos fortes. Os domingos do *Tempo comum* têm vida própria. O próprio domingo dá sentido ao *Tempo comum*. A cada 8º dia a Igreja celebra a Páscoa; é a páscoa semanal.

Neste caso podemos falar de *Tempo comum*; talvez fosse melhor falar mesmo de *Tempo durante o ano*. O comum deixa a impressão

de algo não importante. Não é assim que devemos considerar o *Tempo comum*.

Trata-se de um *Tempo* caracterizado pelo Domingo, por sua teologia, por sua espiritualidade. Não é o caso de substituí-los por temas diferentes, embora algumas solenidades sejam transferidas para domingos. Estas solenidades ou acontecimentos vividos nos domingos terão que ajudar a celebrar o mistério pascal do domingo.

Finalmente, importa descobrir nas grandes pequenas coisas do dia-a-dia, aparentemente comuns, a dimensão de sua pascaldade em Cristo Jesus: a oração, o trabalho, as obras de misericórdia, a ação social. Diria que de segunda a sábado devemos estar atentos para perceber as grandes pequenas coisas como dons de Deus. Também assim os domingos comuns se tornarão fortes.

DO PODER

Carlos Mesters

a base que pode comprovar a veracidade da sua mensagem libertadora.

Jesus desconcerta. O Evangelho desconcerta. Por isso, hoje, a Igreja desconcerta. Não é difícil isolar, nos evangelhos, alguns textos ou atitudes de Jesus e construir assim um Cristo que se reduz ao tamanho dos nossos desejos. É relativamente fácil instaurar um inquérito sobre as atividades de Jesus, segundo o qual Ele aparece como um subversivo, que merecia ser preso e condenado. Mas a sinceridade obriga a considerar todos os textos e atitudes de Jesus, todos os textos e atitudes da Igreja. Faltou, porém, esta sinceridade. Com efeito, no julgamento dos fatos, muitas vezes, o importante não são os fatos, mas sim os óculos com os quais são vistos os fatos.

É simplesmente incrível a habilidade com que os acusadores de Jesus conseguiram projetar a própria visão sobre os fatos e apresentá-los, numa síntese que não parecia deixar dúvida sobre a culpa de Jesus. Diante dessa falta de sinceridade, convém lembrar a palavra de Jesus: "Se chamaram de demônio ao chefe da casa, o que não dirão dos membros da família?" (Mt 10,25).